

Oficina Escola de Renda de Bilro: alternativa de sustentabilidade e manutenção da arte-ofício

Angela D. Cordeiro^{1*}, Juliana D. Almeida², Roseane R. da Silveira³, Maria C.W. Saldanha⁴

^{*1} Bolsista CAPES - GREPE/PEP/UFRN - angeladc27@gmail.com

² Universidade Federal do Rio Grande do Norte - GREPE/PEP/UFRN – donato.juliana@gmail.com

³ Bolsista PROEx-UFRN -GREPE/PEP/UFRN - roseanerodrigues1@hotmail.com

⁴ Universidade Federal do Rio Grande do Norte - coordenadora GREPE/PEP/UFRN – cwerba@terra.com.br

Resumo

A renda de bilros é uma arte secular praticada atualmente em poucas regiões do Brasil, que tem por característica o repasse da técnica entre as gerações. Esta arte-ofício encontra-se em processo de extinção em algumas localidades, como é o caso da Vila da Ponta Negra Natal – RN, onde se localiza o Núcleo de Produção Artesanal de Rendeiras de Bilros. Este artigo apresenta um estudo de caso sobre uma oficina de renda de bilros, ministrada por duas rendeiras do referido Núcleo, desenvolvida de janeiro a março de 2009. O objetivo deste artigo foi analisar a metodologia do repasse desta técnica de rendar, desenvolvida pelas próprias rendeiras, para identificar os aspectos que podem ser melhorados e assim contribuir para evitar a extinção desta arte-ofício na região. As análises foram embasadas na antropotecnologia e tecnologia social, utilizando como metodologia a pesquisa-ação. Como resultado, foi observado que as rendeiras instrutoras possuíam metodologias de repasse da técnica diferenciadas, gerando dificuldades de entendimento às alunas em qual procedimento seguir. Há, portanto, a necessidade da uniformização desta metodologia de ensino, para facilitar e estimular o aprendizado da arte.

Palavras-chave: Ergonomia, Sustentabilidade, Pesquisa-ação; Oficina; Renda de bilros

1 Introdução

A renda de bilros por ser um ofício secular, possui grande importância cultural e participa da história de várias gerações residentes na Vila de Ponta Negra em Natal-RN. Este ofício foi durante anos, um dos principais instrumentos para a geração de renda de algumas famílias. Porém, com o passar dos anos, houve o crescente desinteresse das novas gerações em aprender e praticar esta arte, por esta demandar muito tempo para a produção de uma peça e pela dificuldade de comercialização para a obtenção do retorno financeiro condizente com as horas trabalhadas. Desta forma este “*saber fazer*”, esta morrendo junto com as antigas rendeiras detentoras da técnica. Este fato vem despertando o interesse de algumas instituições em manter viva esta tradição.

Com o intuito contribuir evitar a extinção da renda de bilros na região, foi promovida, por uma Instituição externa, uma oficina de renda de bilros no Núcleo de rendeiras da Vila de Ponta Negra em Natal-RN, com a finalidade de ensinar o ofício e assim, formar novas rendeiras aptas a dar continuidade à arte. A oficina teve a duração de três meses e participaram como instrutoras duas rendeiras experientes do Núcleo e dezoito alunos.

O objetivo deste artigo foi analisar a metodologia do repasse da técnica de rendar, desenvolvida pelas próprias rendeiras, para identificar os aspectos que podem ser aprimorados e assim contribuir para a continuidade da arte-ofício. Para a realização do estudo, fez-se uso da metodologia da pesquisa-ação que, de acordo com Thiollent (2002), trata-se de uma

intervenção participativa na realidade de um grupo, pois através dela pode-se conhecer e intervir na realidade social de forma mais adequada.

Como embasamento teórico, foi utilizado a antropotecnologia desenvolvida por Wisner e a tecnologia social abordada por Dagnino, Brandão, Novaes (2004). A primeira discute, entre outras questões, a “transferência de tecnologia” de uma localidade a outra ressaltando a necessidade de se conhecer estas realidades, seus hábitos, sua cultura, para uma correta transferência. Completando esta discussão, a Tecnologia Social (TS), reforça que a inovação tecnológica “[...] não pode ser pensada como algo que é feito num lugar e utilizado em outro, mas como um processo desenvolvido no lugar onde essa tecnologia vai ser utilizada, pelos atores que vão utilizá-la”.

A utilização de tais ferramentas ratificou a importância da participação do pesquisador na atividade realizada, onde pôde trazer à tona, sobretudo, sensações físicas e emocionais relativas à experimentação do exercício real da atividade de uma rendeira, em especial da aprendiz, compreendendo-se a relação estreita que há do artesão, aqui representado pela rendeira e seu produto acabado, a renda. Como resultado, foi observado que as rendeiras instrutoras possuíam metodologias de repasse da técnica diferenciadas, gerando dificuldades de entendimento às alunas em qual procedimento seguir. Há, portanto, a necessidade da uniformização desta metodologia de ensino, para facilitar e estimular o aprendizado da arte.

2 Antropotecnologia, Tecnologia Social e Pesquisa-ação

O termo *Antropotecnologia* partiu da junção das palavras *Antropologia* – ciência que estuda a humanidade – e *Tecnologia* – conjunto ordenado de saberes com fins específicos. A antropotecnologia busca adaptar as intervenções nas situações de trabalho, particularmente nas transferências de tecnologias, considerando não apenas os fatores técnicos, mas também os culturais, sociais, econômicos, geográficos, jurídicos, além de outras peculiaridades características de cada situação. (WISNER, 2003)

Segundo Wisner (2003) o domínio de uma tecnologia transferida só é possível, quando os dispositivos técnicos, a organização do trabalho e a formação dos trabalhadores sofrem um processo global de reconcepção, que leva em consideração as dificuldades locais e os recursos naturais e industriais disponíveis como trunfos para manter a variabilidade sob controle. Sendo assim, a recomendação esta em se buscar elementos teóricos, combinados com o ajuste de algumas ferramentas, inseridos num processo de desenvolvimento de solução adequado a organização.

Referindo-se a tecnologia, Santos et al (1997), define-a como um bem cultural que pode ser desenvolvido através da habilidade e do treino, da ligação entre o homem e técnica, demonstrando que não se pode desligar a tecnologia do homem e da cultura. O mesmo autor ressalta que a tecnologia não diz respeito apenas aos itens físicos que vemos e pegamos, mas sim, ao conjunto ordenado de informações e conhecimentos utilizados pelo homem para transformar a matéria e para organizar sua participação nesta transformação com foco na produção e comercializações de bens e serviços.

A tecnologia social (TS), segundo Dagnino, Brandão, Novaes (2004), “é em si mesma um processo de construção social e, portanto, político (e não apenas um produto), que terá de ser operacionalizado nas condições dadas pelo ambiente específico onde irá ocorrer, e cuja cena final depende dessas condições e da interação passível de ser lograda entre os atores envolvidos”. Discute-se, segundo os autores citados, a necessidade de se incluir em todo processo a comunidade, grupo, ou organização envolvidos, convergindo as ações a serem implementadas e desta forma a TS “só se constitui como tal, quando tiver lugar um processo

de inovação, um processo do qual emergja um conhecimento criado para atender aos problemas que enfrenta a organização ou grupo de atores envolvidos”.

Desta forma, tais conceitos convergem para a importância de se identificar as reais necessidades do grupo pesquisado (retratados aqui como o Núcleo de rendeiras), e assim conhecer de perto o local, os hábitos, e sua cultura, possibilitando compreender para propor melhorias, reiterando a necessidade de participação do grupo em todo processo.

A pesquisa-ação (PA) é um tipo de pesquisa participativa centrada na questão do agir, em que o pesquisador envolvido se insere na realidade pesquisada. De acordo com Thiollent (2002), na concepção da pesquisa-ação, o estudo da relação entre o saber formal e o saber informal visa estabelecer (ou melhorar) a estrutura de comunicação entre dois universos culturais: o dos especialistas e o dos interessados. Todavia, o fato é que existe o problema da diferença dos dois universos, que se manifesta em dificuldades de compreensão mútua. Dessa forma, nem os pesquisadores podem ter uma postura de forma dogmática, nem o saber dos indivíduos em análise pode ser desconsiderado. Este tipo de postura unilateral é incompatível com a orientação “alternativa” que se encontra na pesquisa-ação (e pesquisa participante).

Baseando-se da pesquisa-ação, os pesquisadores inseriram-se como aprendizes da oficina de renda, proporcionando troca mútua de conhecimentos. Esta experiência proporcionou um maior conhecimento sobre o repasse da técnica da renda, baseada na observação, conversação e vivência, em que foi possível verificar as reais dificuldades das instrutoras e dos alunos.

3 Oficina Escola de Renda de bilros

3.1 Produção da Renda de Bilros

A renda de bilros é um tipo de tecido formado pelo cruzamento e entrelaçamento de fios com auxílio de bilros (instrumento de madeira possuindo a forma semelhante a um fuso, uma extremidade é formada por uma haste cilíndrica e a outra por uma esfera). Os fios são fixados numa almofada cilíndrica por meio de alfinetes em cima de moldes de desenhos (LEFEBURE *apud* RAMOS, 1948). Na haste dos bilros, são enrolados os fios de algodão (sempre em sentido anti-horário), e a extremidade esférica confere um maior apoio à manipulação dos bilros pelas rendeiras (fig.02). As tramas básicas da renda de bilros são: a traça, a trança e o pano. (Fig. 1)

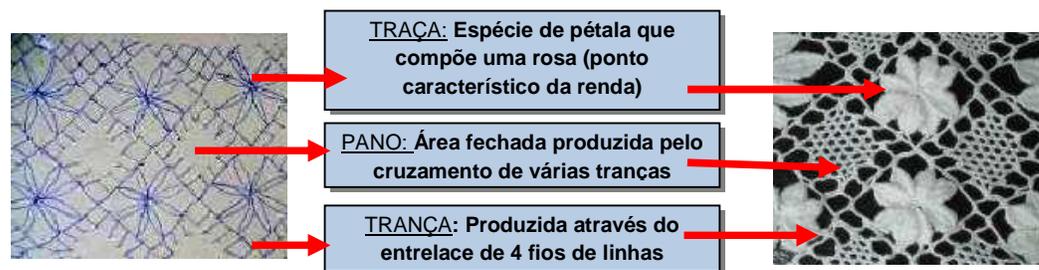


Fig 1 - Principais tramas da renda

Algumas ferramentas são empregadas no feitiço da renda de bilros: a almofada, o cavalete, os bilros, os alfinetes, os espinhos de xique-xique ou cardeiro (espécies de plantas regionais). A almofada é apoiada sobre um cavalete de madeira articulável que não possui regulagem de altura. Em pontos específicos do molde são colocados alfinetes e neles são presos os pares de bilros, que conduzem as linhas pelo desenho riscado no molde, até que a trama seja produzida. (Fig. 3 à 5)



Fig. 2 - Enchendo bilro com linha



Fig. 3 – Inserindo bilros no molde.



Fig.04 - Rendeira em atividade



Fig. 5 - Renda e molde

O início dos pontos da renda ocorre através do entrelaçamento e troca dos bilros, onde a rendeira realiza movimentos de rotação dos bilros com as mãos, passando uns sobre os outros, até completar o ponto, fazendo-se uso de um alfinete para prendê-lo. A mudança do alfinete é feita com uma mão, enquanto a outra segura os dois pares de bilros utilizados na confecção do ponto. A produção da renda é um processo lento, porém o ritmo de trabalho é intenso e requer conhecimento, concentração e, sobretudo, dedicação. Ao final do processo, tem-se como resultado produtos como: blusas, saias, vestidos, entremeios, toalhas de mesa, panos de bandeja, caminhos de mesa, etc.

3.2 Oficina de Renda de Bilros

A Oficina de renda de bilros foi ministrada no Núcleo de Produção Artesanal Rendeiras da Vila, em Ponta Negra, Natal- RN, por duas rendeiras experientes, sendo desenvolvida de janeiro a março de 2009, em dois dias na semana, totalizando uma carga horária de 75 horas. O objetivo proposto pelos coordenadores da instituição fomentadora foi o de resgatar a cultura e o saber fazer desta arte, através do repasse da técnica para novas pessoas.

Foram formadas duas turmas cujas aulas ocorreram em dias alternados, das 14h às 17h, a primeira com 10 alunos (09 mulheres e 01 homem), e a segunda com 08 mulheres. A maioria dos alunos nunca havia tido contato com a renda de bilros, alguns praticam outras modalidades de atividades artesanais. A faixa etária dos alunos variou dos 23 aos 55 anos entre as mulheres e o único homem participante possui 20 anos. Deste total de alunos apenas três são residentes da Vila e apenas uma é filha de rendeira. A taxa de evasão no curso foi de 11%, ou seja, dos 18 alunos iniciais, 16 permaneceram até o final da oficina.

Para a realização da oficina, foram providenciados as ferramentas e materiais necessários para o feitiço da renda. O posto de trabalho de cada aprendiz foi composto por um conjunto de almofada, cavalete e cadeira. Estes componentes não seguem uma padronização e não possuem ajuste de altura nem espaço para o encaixe das pernas. Os cavaletes confeccionados para a oficina cederam no decorrer do curso e ficaram mais baixos, forçando às alunas posturas ainda mais inadequadas.

A organização do espaço físico para a realização da oficina se configurou inicialmente da seguinte forma: duas fileiras cada uma com cinco aprendizes, de forma que cada instrutora ficasse responsável pela orientação das alunas localizadas em um dos lados da sala (fig.06). As demais rendeiras do Núcleo permaneceram nos seus locais habituais, próximas a entrada, onde há melhor iluminação e ventilação. No decorrer da oficina, as alunas desfizeram a organização em fileiras, e agruparam-se próximo a entrada do Núcleo. Em decorrência deste fato e pelo número elevado de solicitações de orientação, as rendeiras instrutoras passaram a atender as alunas sem mais atender a distinção inicial. (Fig. 7 e 8)

As demais rendeiras que freqüentam o Núcleo e davam continuidade a sua produção habitual, disponibilizavam-se voluntariamente a prestar auxílio, quando se fazia necessário, devido às várias solicitações das alunas. No entanto, em alguns casos, esta orientação ao invés de

esclarecer, instaurava mais dúvidas quanto à forma correta de executar o ponto, pois cada rendeira possui sua forma própria de realizar a técnica.



Figura 6 – Lay-out inicial



Figura 7- Instrutora orientando



Figura 8 – Lay-out final

As duas instrutoras, rendeiras do Núcleo de produção, aprenderam o ofício ainda na infância, com aproximadamente sete anos, tendo mais de 50 anos de prática no ofício. A instrutora A tem 75 anos de idade, dos quais 68 dedicados a renda de bilros, sendo a fundadora do Núcleo de Produção que funciona em área anexa a sua residência. É exigente quanto a execução dos pontos e do “trocado” e a medida que percebia a execução do ponto sendo tecido fora do padrão de sua exigência, orientava que o mesmo fosse desfeito e em seguida refeito. A instrutora B tem 59 anos e destes 52 praticando o ofício. É mais flexível quanto ao nível de exigência relacionado à qualidade dos exercícios, pois quando verificava algum ponto realizado fora do padrão de qualidade, esta permitia que as alunas dessem continuidade ao exercício sem que precisasse desfazê-lo.

A metodologia de repasse da técnica de rendar foi desenvolvida especificamente para esta oficina por três rendeiras do Núcleo, sendo duas delas as instrutoras da oficina, e a terceira que produziu os desenhos e confeccionou os moldes de forma voluntária. Foram aplicados quatro exercícios práticos com níveis de complexidade crescente (Tab. 1). Na primeira aula, foram ensinados os primeiros passos da produção, tais como: a fixação dos moldes contendo o desenho da renda a ser produzida, o enchimento dos bilros com a linha em sentido anti-horário, e iniciado o primeiro exercício com pontos: traça e a trança. A cada exercício a complexidade aumentava, uma vez que havia a junção de pontos em um mesmo desenho e, a cada novo desenho, o número de bilros a serem manipulados era também maior. (Tab. 01) A passagem para o exercício seguinte estava condicionada ao aprendizado da técnica e a qualidade da trama do anterior, havendo flexibilidade no tempo de aprendizagem para cada aluna em cada etapa, de forma a existirem em cada turma alunos executando exercícios de complexidade diferente.

Tabela 1 – Exercícios aplicados na oficina

DESCRIÇÃO DOS EXERCÍCIOS		PEÇA RENDADA
E1	<ul style="list-style-type: none"> - Tramas: trança e traça (pontos básicos). - Número de bilros utilizados: 02 pares, totalizando 04 bilros. - Tempo de aprendizagem previsto: 2 aulas (1 semana) - Tempo de aprendizagem real (média): 4 aulas (2 semanas). - Dificuldades: adaptação no manejo dos bilros e na execução dos pontos 	
E2	<ul style="list-style-type: none"> - Peça produzida: entremeio - Tramas: traça (união de quatro traças compondo uma flor) e trança. - Número de bilros utilizados: 10 pares de bilros, totalizando 20 bilros. - Tempo de aprendizagem previsto: 2 aulas (1 semana) - Tempo de aprendizagem real (média): 4 aulas (2 semanas). - Dificuldades: na junção dos pontos, traça e trança para a composição da trama. Houve necessidade de auxílio constante das instrutoras, devido a solicitação das alunas. 	

E3	<ul style="list-style-type: none"> - Peça produzida: entremeio - Tramas: traça, torcido e pano de meia pancada. - Número de bilros utilizados: 24 pares de bilros, totalizando 48 bilros. - Tempo de aprendizagem previsto: 2 aulas (1 semana) - Tempo de aprendizagem real (média): 8 aulas (4 semanas). - Dificuldades: Na formação da flor (oito traças). Foi considerado pelas instrutoras o exercício que as alunas mais tiveram dificuldade. 	
E4	<ul style="list-style-type: none"> - Peça produzida: Bico - Pontos trabalhados: torcido, traça, trança e pano de meia pancada. - Número de bilros utilizados: 13 pares de bilros, num total de 26 bilros. - Tempo de aprendizagem previsto: 2 aulas (1 semana) - Tempo de aprendizagem real (média): 8 aulas (4 semanas) - Dificuldades: devido à união de 4 pontos distintos, porém em menor grau quando comparado ao exercício anterior. 	

3.3 Análise da Oficina de Renda de Bilros

Com a realização da oficina, foi constatada uma mudança no ritmo habitual de produção no Núcleo, já que apenas três, das cinco rendeiras, continuaram a produzir peças para comercialização. As demais rendeiras passaram a atuar como instrutoras da oficina durante praticamente toda a semana. No entanto, a realização das oficinas neste local é fundamental, pois possibilita o conhecimento da realidade da atividade e de algumas particularidades no cotidiano das rendeiras. Desta forma, o ensino da renda de bilros não se restringiu apenas ao repasse de uma técnica, mas possibilitou às participantes a absorção de experiências, de cultura e costumes adquiridos ao longo de anos de dedicação das rendeiras à arte.

A cooperação entre as demais rendeiras do Núcleo e as instrutoras da oficina também foi observada durante a oficina. Um exemplo desta cooperação está relacionado à metodologia de ensino desenvolvida em conjunto pelas rendeiras instrutoras e outra rendeira do Núcleo, que além de sugerir e discutir a seqüência dos desenhos a serem ensinados com grau crescente de dificuldade, também elaborou os desenhos nos moldes para os exercícios. Ressaltando que ela executou estas atividades, de forma voluntária e espontânea, sem que para isso, fosse remunerada. Outra situação de cooperação foi observada quando as rendeiras do Núcleo paralisavam sua produção para auxiliar as alunas aprendizes que aguardavam a disponibilidade das instrutoras para tirar dúvidas sobre a execução dos exercícios.

A metodologia adotada pelas instrutoras, utilizando-se de exercícios com dificuldades crescentes, possibilitou um aprendizado de forma gradual e desta forma, permitiu que cada aluna prosseguisse com seu ritmo próprio de aprendizado, apesar de umas demorarem mais que outras. Esta flexibilidade e conseqüente respeito ao tempo individual de aprendizagem foram percebidos importantes fatores para tornar a técnica mais facilmente assimilável e tornar mais dinâmico o processo de aprendizagem.

Observou-se que cada rendeira instrutora possui peculiaridades na forma de fazer, de ensinar as técnicas da renda de bilros e no grau de exigência do aprendizado. A variabilidade inter-individual das instrutoras no que se refere ao “fazer” ocorre desde a forma de encher os bilros à maneira de manipulá-los para confeccionar os pontos da renda. Como a separação das alunas orientadas por cada instrutora foi eliminada ao longo da oficina, as alunas passaram a receber orientações distintas sobre a execução de um mesmo ponto e, quando uma instrutora percebia que a execução estava sendo realizada de outra forma, diferente daquela que ela havia ensinado, corrigia e re-ensinava ao seu modo. Este fator, agravado pela cooperação das outras rendeiras do Núcleo nas orientações, em determinados momentos, dificultou o entendimento e a memorização da técnica, instaurando confusão e dificuldade de aprendizado.

O terceiro exercício foi o que mais gerou dúvidas e dificuldades aos alunos, pois foram inseridos novos pontos. Para atenuar tais questões e, por sugestão de uma das rendeiras que participou da concepção da metodologia, as pesquisadoras envolvidas no processo de pesquisa, participaram de uma aula-extra sobre a execução de um determinado ponto. Este fator contribuiu para a continuidade do aprendizado, devendo ser acrescentado ao programa do curso, que requer uma redefinição.

O tempo de três meses para a realização dos quatro exercícios mostrou-se insuficiente para o aprendizado completo da técnica. Neste tempo, pode-se conhecer apenas os pontos básicos. Para um aprendizado completo é preciso aprender a “ler” o desenho, saber iniciar o processo, ou seja, calcular a quantidade de bilros necessários para a produção e como e onde inseri-los. Além disso, é imprescindível a continuidade através da prática e dedicação diária para completar o aprendizado.

4 Considerações finais

A metodologia elaborada pelas rendeiras para o repasse da técnica foi concebida com base nos saberes repassados por gerações somados à suas próprias experiências e hábitos de vários anos como rendeiras. A complexidade gradual dos exercícios, começando por pontos básicos e peças pequenas, reflete a forma como elas visualizam o processo de formação de uma rendeira, ou seja, quanto mais complexa e de tamanho maior for uma determinada peça, mais destreza e experiência serão requeridas da rendeira. Desta forma, a produção de pequenas aplicações (como as produzidas na oficina), é papel de uma iniciante.

A evolução do processo de aprendizado das rendeiras foi citado por Bezerra (2008) que destaca a importância da forma de organização artesanal cooperativa no processo de aprendizagem. Segundo a autora, no princípio do aprendizado as aprendizes produzem em geral peças simples, como bicos. Com o passar do tempo, passam a se especializar e produzir peças mais complexas, saltando de estágios até tornarem-se rendeiras, conforme destacado no relato de uma das rendeiras do Núcleo: “Aprendi a fazer o biquinho, depois eu não quis mais fazer bico, fui fazer aplicações (para colchas e toalhas). Com o tempo quando eu vim trabalhar aqui (referindo-se ao Núcleo), eu já fazia toda qualidade de renda. Mas não fazia este modelo agora que a gente ta fazendo (saia, vestido, blusa, etc). Esse modelo eu vim fazer depois que estou aqui [...]”. A troca de experiências, as discussões coletivas sobre a produção de um novo produto ou desenho, a paralisação do trabalho para ensinar, conferir ou buscar uma solução conjunta para a produção de uma peça, possibilita tanto a transferência do saber entre rendeiras quanto o desenvolvimento coletivo das artesãs. Neste sentido, podemos citar o modelo teórico proposto por Piaget quando diz que “o conhecimento não é imanente nem ao sujeito nem ao objeto, sendo, isto sim, construído na interação entre estes dois pólos”. (PALANGANA, 1994)

As dificuldades sentidas pelos alunos da oficina no entendimento da técnica foram caracterizadas pela forma diferenciada de cada rendeira ensinar. Neste aspecto, a configuração inicial organizando as alunas em duas fileiras e ficando cada rendeira responsável pela orientação de um grupo fixo de alunos, torna o aprendizado mais unificado. Percebeu-se a dificuldade de se padronizar um técnica em um único procedimento, pois toda uma experiência de trabalho e de vida estão envolvidas no saber-fazer da renda, correndo-se o risco de modificar um costume de vários anos dedicados à arte. A antropotecnologia e a tecnologia social discutem o papel delicado de inserções de mudanças, explanando que para quaisquer transferências de tecnologia têm de se respeitar os limites de cada grupo e cultura. Tais modificações devem ser construídas juntamente com os detentores do saber técnico e tácito, para que se alcance uma solução eficaz.

Outro aspecto motivado com a promoção da oficina de renda de bilro foi a possibilidade de reativar uma rede de atividades interligadas à renda de bilro, tais como a produção de almofadas, bilros e cavaletes, fazendo emergir novos mercado, promovendo uma alternativa de geração de renda e desenvolvimento sustentável na Vila de Ponta Negra. Sendo assim, tornar o ensino da renda de bilros, uma atividade permanente no Núcleo, trás grandes benefícios, não apenas para evitar a extinção da atividade, mas para ativação de um mercado bem maior que se forma ao redor da atividade.

As rendeiras mostram-se imensamente satisfeitas na experiência de “ensinar”, já que desta forma, elas revivem o aprendizado repassado por suas mães, avós, fortalecendo a tradição de repassar o saber, aspectos que vivificam a auto-estima e de certa forma realizam a “missão” confiada por seus antepassados. Apesar de ser uma atividade complexa que requer dedicação, as alunas se sentiram estimuladas por terem absorvido as técnicas básicas do saber fazer da renda, demonstrando interesse em dar continuidade ao ofício. Porém, a oficina não resolve todas as demandas encontradas no Núcleo das rendeiras. Para incentivar a formação prática da atividade, faz-se necessário a valorização da produção artesanal pela sociedade, de forma que se amplie gradativamente a rede de pessoas interessadas na continuidade e valorização deste ofício secular e que o mesmo torne-se fonte de renda para os praticantes.

A experiência de se trabalhar com a metodologia da pesquisa-ação, possibilitou um entendimento mais rico e fiel da realidade, visto que a inserção de forma participativa no cotidiano do Núcleo, favoreceu a compreensão da realidade e subsidiou suporte para tomada de ações, deixando os pesquisadores sempre despertos quanto ao respeito e sintonia com a realidade do Núcleo pesquisado, compartilhando os saberes e soluções. Faz-se sempre necessário “conhecer para transformar”.

5 Referências Bibliográficas

- BARROS, K. S. *Análise Antropotecnológica do desenvolvimento de novos produtos na produção artesanal: Caso das rendeiras da Vila de Ponta Negra em Natal, RN* –GREPE/PEP/DEP/UFRN. Natal – RN, Março de 2009.
- BEZERRA, I. X. B.. Relatório de Extensão: *Rendeiras da Vila: Desenvolvimento de Novos Produtos a partir da Renda de Bilro: alternativa para evitar a extinção da arte na Vila de Ponta Negra*. GREPE/PEP/DEP/UFRN. Natal, 2007.
- BEZERRA, I. X. B. *Relatório de Iniciação Científica: Rendeiras da Vila: Desenvolvimento de Novos Produtos a partir da Renda de Bilro: alternativa para evitar a extinção da arte na Vila de Ponta Negra*. GREPE/PEP/DEP/UFRN. Natal, 2008.
- BRANDÃO, C. R. (Org.). *Repensando a pesquisa participante*. Ed. Brasiliense. 2ª ed. 1985:
- BRANDÃO, C. R. *O que é educação*. 48ª ed. Ed. Brasiliense. São Paulo, 2006:
- DAGNINO, R; BRANDÃO, F.C; NOVAES, H.T. *Tecnologia Social: uma estratégia para o desenvolvimento*. Fundação Banco do Brasil. Rio de Janeiro, 2004
- PALANGANA, I. C. *Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vygotsky (A relevância do social)*. Plexus Editora Ltda. São Paulo, 1994
- RAMOS, L & A. *A Renda de Bilros e sua Aculturação no Brasil*. Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia. Rio de Janeiro – RJ, 1948.
- SANTOS, N, et al. *Antropotecnologia: A ergonomia dos Sistemas de Produção*. Ed. Gênese. Curitiba, 1997:
- THIOLLENT, M. J. M. *Metodologia da pesquisa-ação*. 12. ed. Cortez. São Paulo, 2002
- WISNER, A. *A Inteligência no Trabalho: Textos selecionados de Ergonomia*. Fundacentro. São Paulo, 2003